

# Imagens bíblicas da Igreja no Magistério do Papa Francisco

## *Biblical images of the Church in the Magisterium of Pope Francis*

*Fabio da Silveira Siqueira*

### Resumo

Os documentos emanados pelo Papa Francisco, nestes dez anos de Pontificado, são permeados pela Sagrada Escritura. Francisco não somente reafirma que a Teologia “deve estar enraizada e fundada na Sagrada Escritura e na Tradição viva” (*Veritatis Gaudium*, 4), mas ele mesmo coloca em prática tal princípio, oferecendo singulares reflexões bíblicas, citações diretas e alusões ao texto sagrado que fazem com que seus documentos sejam como que uma meditação a partir do próprio texto escriturístico, com vistas a iluminar as questões atuais que devem ser respondidas pela Igreja. O presente artigo pretende analisar algumas imagens bíblicas das quais Francisco se utiliza para falar da Igreja. Para atingir tal objetivo, reflete-se primeiro brevemente sobre o uso da Sagrada Escritura no seu Magistério. Em seguida, apresentam-se três imagens bíblicas aplicadas à Igreja em seus documentos: Igreja como “Povo de Deus”, “Corpo de Cristo/Templo do Espírito” e “Casa aberta do Pai”. Por fim, na terceira parte do artigo, são elencadas algumas figuras bíblicas, as quais são apresentadas por Francisco como modelos para a Igreja, culminando em Maria, a “Virgem feita Igreja” (São Francisco). O método utilizado é aquele da análise bibliográfica, considerando-se particularmente, ainda que não exclusivamente, os principais textos de seu Magistério, ou seja, suas Encíclicas, Exortações, Cartas e Constituições Apostólicas. Conclui-se que o dado bíblico aparece no fazer teológico de Francisco tanto como argumento, quanto como fundamento escriturístico de suas afirmações e, que as imagens bíblicas por ele utilizadas para falar da Igreja estão em estreita consonância com sua concepção de uma Igreja em diálogo e sinodal.

**Palavras-chave:** Papa Francisco. Ecclesiologia. Igreja. Sagrada Escritura.

### Abstract

The documents issued by Pope Francis in these ten years of Pontificate are permeated by Sacred Scripture. Francis not only reaffirms that Theology “must be rooted and founded in Sacred Scripture and living Tradition” (*Veritatis Gaudium*, 4), but he himself puts this principle into practice, offering unique biblical reflections, direct quotations and allusions to the sacred text that make their documents look like a meditation on the scriptural text itself, with a view to illuminating current questions that must be answered by the Church. This article intends to analyze some biblical images that Pope Francis uses to talk about the Church. To achieve this objective, we first briefly reflect on the use of Sacred Scripture in its Magisterium. Next, three biblical images applied to the Church in its documents are presented: Church as “People of God”, “Body of Christ/Temple of the Spirit” and “Open House of the Father”. Finally, in the third part of the article, some biblical figures are listed, which are presented by Pope Francis as models for the Church, culminating in Mary, the “Virgin made Church” (Saint Francis). The method used is that of bibliographical analysis, considering particularly, although not exclusively, the main texts of his Magisterium, that is, his

Encyclicals, Exhortations, Letters and Apostolic Constitutions. It is concluded that the biblical data appears in Francisco's theological work both as an argument and as a scriptural foundation for his statements and that the biblical images used by him to talk about the Church are in close consonance with his conception of a Church in dialogue and synodal.

**Keywords:** Pope Francis. Ecclesiology. Church. Holy Scripture.

## Introdução

Em seus dez primeiros anos de Pontificado, o Papa Francisco legou à Igreja grandes documentos. Suas Encíclicas, Exortações e Cartas Apostólicas, não somente falam ao coração de cada um dos fiéis católicos, como também chamam a atenção de todo o mundo, sobretudo pela atualidade de alguns dos seus temas, como o cuidado da casa comum, tema central da Encíclica *Laudato Si*, de 2015, ou a necessidade de se refletir sobre a fraternidade e a amizade social num mundo marcado por tantos conflitos, tema sobre o qual Francisco reflete na Encíclica *Fratelli Tutti*, de 2020. Em todos os seus documentos, mas também em outras ocasiões, como nas alocações ou discursos, Francisco dá lugar preponderante à reflexão bíblica. Fazendo teologia à luz do Vaticano II, Francisco faz da Sagrada Escritura a alma de seu pontificado e, conseqüentemente, o ponto de partida de tudo o que ele pretende dizer à Igreja do Senhor.

O presente artigo pretende analisar alguns documentos do Magistério do Papa Francisco, refletindo sobre as imagens bíblicas das quais ele se utiliza para falar da Igreja. Dividido em três partes, o artigo versa primeiro sobre o uso da Sagrada Escritura no Magistério de Francisco. Em seguida, a reflexão se detém sobre algumas imagens da Igreja e sobre algumas figuras bíblicas que Francisco utiliza como exemplo e modelo daquilo o que a “Igreja em saída” deve ser. O ponto de chegada é proposto justamente por um documento do início do Magistério de Francisco, considerado seu “documento programático”, a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: Maria é a figura perfeita da Igreja. No n. 285 da EG ele afirma que a Igreja tem um “estilo mariano” na sua ação evangelizadora, um estilo que desperta a confiança no poder da “ternura e do afeto.” A partir, pois, de um olhar atento para as Escrituras Sagradas e, particularmente, para as importantes figuras através das quais Deus fez com que seu plano salvífico se realizasse, é que se pode encontrar, segundo o pensamento de Francisco, a base para qualquer reflexão eclesiológica realmente profunda, que parte não de frios esquemas humanos, mas que se enraíza no manancial sempre revigorante da Palavra de Deus.

## 1. O uso da Sagrada Escritura no Magistério do Papa Francisco

Ao se ler os documentos emanados pelo Papa Francisco nestes dez anos de Pontificado, percebe-se o quanto são permeados pela Sagrada Escritura. Francisco não somente reafirma que a Teologia “deve estar enraizada e fundada na Sagrada Escritura e na Tradição viva”<sup>1</sup>, mas ele mesmo coloca em prática tal princípio, oferecendo singulares reflexões bíblicas, citações diretas e alusões ao texto sagrado que fazem com que seus documentos sejam como que uma meditação a partir do próprio texto escriturístico, com vistas a iluminar as questões atuais que devem ser respondidas pela Igreja. Basta um breve olhar sobre a estrutura de alguns documentos de Francisco para que se possa perceber o quanto a Escritura está no coração da sua reflexão.

Para se exemplificar o que foi afirmado acima, é interessante observar o uso da Escritura em suas três Encíclicas: *Lumen Fidei* (2013), *Laudato Si* (2015) e *Fratelli Tutti* (2020). A Carta Encíclica *Lumen Fidei*, primeiro grande documento do magistério de Francisco, ainda que feita a “quatro mãos”, pois recolhe também a reflexão de Bento XIV, tem um versículo bíblico, seja do AT ou do NT, como título de cada um dos seus capítulos. A reflexão que se segue parte sempre deste “fio condutor” escriturístico. No capítulo II da *Laudato Si*<sup>2</sup> uma síntese de textos bíblicos é ofertada ao leitor, demonstrando o

<sup>1</sup> VG 4d.

<sup>2</sup> LS 62-100.

fundamento escriturístico do cuidado devido à criação.<sup>3</sup> A Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, em seu capítulo II,<sup>4</sup> conduz o leitor a uma reflexão que tem como ponto de partida e é completamente permeada pela parábola do bom samaritano de Lc 10,25-37. Além disso, a instituição do Domingo da Palavra de Deus (Terceiro Domingo do Tempo Comum), através da Carta Apostólica *Aperuit Illis*, em 2019, é um forte sinal do quanto Francisco deseja que a Igreja viva animada e nutrida pela Sagrada Escritura.

Em 2021, o professor Madrigal Terrazas, SJ, de saudosa memória, junto a Pablo Alonso Vicente, organizou uma obra em homenagem ao Prof. Dr. José Ramón Busto Saiz, da Universidad de Comillas, na Espanha. Ele dedicou um capítulo de sua autoria ao uso da Escritura e Tradição no “Magistério Kerygmático” de Francisco. Neste texto, ao qual aqui se fará referência, ele chama a atenção, logo de início, para as intervenções do então Cardeal Bergoglio nas congregações dos cardeais prévias ao conclave de sua eleição, em que aparecia a formulação latina que introduz a Dei Verbum: *Dei Verbum religiose audiens et fidenter proclamans*.<sup>5</sup> “Escutando religiosamente a Palavra de Deus e proclamando-a com fidelidade”: um princípio vai nortear seu posterior Magistério como Papa, sempre visando uma Igreja em saída e sinodal.<sup>6</sup>

Madrigal Terrazas divide sua reflexão em três partes. Na primeira, ele se concentra especificamente sobre a relação entre escuta do evangelho e anúncio do kerygma, tema que Francisco vai desenvolver no que Madrigal chama de “documento programático”<sup>7</sup> de seu ministério petrino, a *Evangelii Gaudium*.<sup>8</sup> Tal anúncio deve acontecer de modo materno e belo na homilia<sup>9</sup> e perpassar todo o processo de evangelização e catequese que se desenvolve na Igreja. Essa primeira parte do texto de Madrigal é coroada pela recordação da Carta Apostólica *Scripturae Sacrae Affectus* (2020), na qual Francisco apresenta Jerônimo como modelo de alguém que foi apaixonado pela “carne da Escritura” e que procurou empenhar todos os seus esforços por traduzir e interpretar a Palavra a fim de que esta pudesse penetrar com mais facilidade no coração de todos os homens. O mesmo amor “vivo e suave pela Sagrada Escritura” que existia em Jerônimo, também existe em Francisco, e é um “sinal de identidade” do seu Pontificado.<sup>10</sup>

Na segunda parte de sua reflexão, Madrigal Terrazas se detém sobre o tema da “Tradição” e do “Desenvolvimento Doutrinal”, onde recorda o princípio do *Commonitorium Primum* de São Vicente de Lérins (séc. V), evocado pelo Papa Francisco em 2015, numa entrevista ao Prof. Antonio Spadaro, SJ. Vicente de Lérins compara o desenvolvimento biológico do homem com a transmissão do *depositum fidei*: “Assim, também o dogma da religião cristã deve seguir estas leis de aperfeiçoamento, a fim de que se consolide com os anos, se dilate com o tempo, torne-se mais profunda com a idade.”<sup>11</sup> Numa análise breve, porém profunda, o autor demonstra como tal ideia de progresso na compreensão da Palavra e de sua consequente transmissão, tema já presente no Vaticano II (DV 8), permeia os documentos do Papa Francisco e o torna aberto a questões que interpelam a Igreja e diante das quais não se pode simplesmente fechar as portas do diálogo. A terceira e última parte de seu estudo versa sobre a Teologia, recordando que, na *Veritatis Gaudium*, Francisco faz um convite a que se desenvolva nos centros acadêmicos uma Teologia Kerygmática, que esteja “enraizada e fundada na Palavra” e que, precisamente por isso, saiba acompanhar os “processos culturais e sociais, de modo particular as transições difíceis.”<sup>12</sup>

No que tange ao uso da Escritura no Magistério de Francisco, Madrigal Terrazas delinea, pois, diante dos olhos de seu leitor uma significativa tríade: escuta – transmissão – aprofundamento teológico. O âmbito primeiro é o da escuta atenta da Palavra. A Palavra acolhida deve ser, contudo, transmitida, levando em conta o tríplice processo enunciado por Vicente de Lérins e que parece constituir uma estrutura fundante do

<sup>3</sup> SIQUEIRA, F. S., A contemplação do Criador na grandeza e beleza das criaturas, p. 160-17; GONZAGA, W., Cuidar da casa comum, p. 99-125.

<sup>4</sup> FT 56-86.

<sup>5</sup> DV 1.

<sup>6</sup> MADRIGAL TERRAZAS, S., Escritura y Tradición em el Magisterio Kerygmático de Francisco, p. 399.

<sup>7</sup> MADRIGAL TERRAZAS, S., Escritura y Tradición em el Magisterio Kerygmático de Francisco, p. 406.

<sup>8</sup> EG 19-49.

<sup>9</sup> EG 135-149.

<sup>10</sup> MADRIGAL TERRAZAS, S., Escritura y Tradición em el Magisterio Kerygmático de Francisco, p. 405.

<sup>11</sup> PL 50,668: “ita etiam Christianae Religionis dogma sequatur has decet profectuum leges, ut annis scilicet consolidetur, dilatetur tempore, sublimetur aetate, incorruptum tamen illibatunque permaneat (...)”.

<sup>12</sup> VG 4d.

pensamento de Francisco: *que se consolide com os anos, que se dilate com o tempo, que se aprofunde com a idade*. A transmissão da Palavra não deve ser monolítica, pois é necessário perceber sempre sua capacidade de iluminar novas situações, sem renunciar ao que realmente é essencial. Por fim, a missão da Teologia: enraizar-se na Palavra e na Tradição, escutando-as de modo atento e criativo, sabendo enxergar os novos tempos, que algumas vezes parecem tão obscuros, a partir da luz que emana dessa dupla fonte da única Palavra de Deus.<sup>13</sup>

## 2. Igreja como “Povo de Deus”, “Corpo de Cristo/Templo do Espírito” e “Casa aberta do Pai”

Neste ponto dois, sem pretender exaurir o assunto, são apresentadas três “imagens” da Igreja fortemente marcadas nos documentos de Francisco: a Igreja como “povo de Deus”, “Corpo de Cristo/Templo do Espírito” e “Casa aberta do Pai”. Nem sempre as imagens vêm acompanhadas de citações bíblicas explícitas, mas podem ser facilmente percebidas as referências escriturísticas às quais elas estão conectadas.

### 2.1. Igreja “Povo de Deus”

A compreensão da Igreja como “Povo de Deus” perpassa diversos documentos de Francisco. Na sua Audiência Geral de 26 de junho de 2013, falando sobre o Templo, ele afirmava:

Eis que quanto se tinha prenunciado no antigo Templo é realizado pelo poder do Espírito Santo na Igreja: a Igreja é a ‘casa de Deus’, o lugar da sua presença, onde podemos encontrar o Senhor; a Igreja é o Templo onde habita o Espírito Santo que a anima, orienta e sustém. Se nos perguntarmos: onde podemos encontrar Deus? Onde podemos entrar em comunhão com Ele, através de Cristo? Onde podemos encontrar a luz do Espírito Santo que ilumina a nossa vida? A resposta é: no Povo de Deus, no meio de nós, que somos Igreja. É aqui que encontraremos Jesus, o Espírito Santo e o Pai.

Destaca-se, também, sua afirmação em EG 113:

Esta salvação, que Deus realiza e a Igreja jubilosamente anuncia, é para todos, e Deus criou um caminho para Se unir a cada um dos seres humanos de todos os tempos. Escolheu convocá-los como povo, e não como seres isolados. Ninguém se salva sozinho, isto é, nem como indivíduo isolado, nem por suas próprias forças. Deus atrai-nos, no respeito da complexa trama de relações interpessoais que a vida numa comunidade humana supõe. Este povo, que Deus escolheu para Si e convocou, é a Igreja.

A Igreja é “povo de Deus”, um povo “convocado por Ele”. A ideia de “convocação” nos recorda a própria etimologia do termo “Igreja” – ἐκκλησία e, também, o termo hebraico לְקָרָא – “assembleia.” Deus convoca Abraão para a partir dele formar um povo. Tendo sido feito escravo no Egito esse povo é “convocado” por Deus para lhe prestar culto no deserto (Ex 5,1). Libertor por Deus, já no deserto, o povo encontra unidade na escuta da Palavra e na celebração do culto, duas realidades que estão intimamente relacionadas (Ex 24).

Afastando-se do Senhor, o povo experimenta o drama do exílio. Contudo, movido de compaixão, Deus lhes proporciona uma segunda experiência exodal: o retorno da Babilônia, que é marcado também por grandes dificuldades. Nesse contexto, é novamente a consciência de ser um povo convocado por Deus e que se reúne como assembleia de escuta da Palavra que lhes dá unidade. No livro de Neemias o povo é convocado como “assembleia” de escuta da Palavra e uma expressão muito significativa encontra-se em Ne 8,1: eles estavam reunidos como “um só homem” (דָּבָר וְשֵׁן אֶחָד). As divisões são superadas e se pode realmente caminhar como povo quando se escuta a voz de Deus, que dá direcionamento, cria laços e, de muitos, faz um só. Tal unidade é celebrada no Sl 133,1: “Vede: como é bom, como é agradável habitar todos juntos como irmãos”.<sup>14</sup> O objeto de comparação do salmista é o “bom óleo” e o “orvalho do Hermon”: do mesmo modo que o óleo bom, fino, que se derrama sobre a cabeça de Aarão, vai descendo

<sup>13</sup> DV 9.

<sup>14</sup> A partir de sua formulação hebraica, tal versículo também poderia ser traduzido como “habitarem juntos em unidade” (דָּבָר וְשֵׁן אֶחָד).

até a orla do seu manto, e do mesmo modo que o orvalho, que desce do alto monte Hermon, chega às colinas de Sião, assim é a vivência dos irmãos em unidade.<sup>15</sup> Note-se a simbologia da descida: o óleo que desce, o orvalho que desce. A unidade é dom do alto, é dom divino. Ele dá ao povo a sua Lei para que, em torno dela, ele possa viver em unidade.<sup>16</sup> A totalidade dessa unidade englobando todos os membros desse “povo” vem expressa no Sl 133 pela imagem do óleo descendo da cabeça até a orla do manto e, também, do orvalho vindo do alto Hermon até as colinas mais baixas em Sião. Uma unidade que envolve todos os membros do único povo de Deus: tal é o movimento de “sinodalidade” tão insistentemente proposto por Francisco.

Na Igreja realiza-se plenamente o desejo de Deus quando ele se dirigiu a Abraão. Ao grande patriarca foi dito que, nele, seriam benditas todas as “clãs/famílias [מִשְׁפָּחֹת] da terra” (Gn 12,3). Cristo “nunca se entende como indivíduo isolado”, pois veio “para congregar os que estavam dispersos” (Jo 11,52; Mt 12,30), recorda-nos o saudoso Bento XVI. Em sua mesma obra, “Compreender a Igreja Hoje” ele destaca que a obra do Cristo “consiste em reunir o novo povo,” e que o “ponto de reunião deste novo povo é o Cristo: este povo só se tornará verdadeiramente povo enquanto for chamado por Cristo e responder à sua chamada, à sua Pessoa.”<sup>17</sup> O ensinamento de Francisco proposto na EG, partindo de Mt 28,19 e Gl 3,28, mostra-nos a continuidade de seu pensamento com o de seu antecessor:

Jesus não diz aos Apóstolos para formarem um grupo exclusivo, um grupo de elite. Jesus diz: “Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos” (Mt 28, 19). São Paulo afirma que no povo de Deus, na Igreja, “não há judeu nem grego (...), porque todos sois um só em Cristo Jesus” (Gal 3, 28). Eu gostaria de dizer àqueles que se sentem longe de Deus e da Igreja, aos que têm medo ou aos indiferentes: o Senhor também te chama para seres parte do seu povo, e fá-lo com grande respeito e amor!<sup>18</sup>

A Igreja não é um mero conglomerado de pessoas, muito menos uma espécie de associação, mas é o “povo de Deus”, que se reúne ainda em torno da Palavra, do Cristo-Palavra, que ouve a sua voz e, enquanto a ouve, consegue caminhar em unidade. Que a comunhão é gerada por tal escuta atenta da Palavra, Francisco o reafirma na Carta Apostólica *Scripturae Sacrae Affectus* (2020):

O fundamento de tal comunhão é a Escritura, que não podemos ler sozinhos: A Bíblia foi escrita pelo Povo de Deus e para o Povo de Deus, sob a inspiração do Espírito Santo. Somente com o “nós”, isto é, nesta comunhão com o Povo de Deus podemos realmente entrar no núcleo da verdade que o próprio Deus nos quer dizer.

Francisco recorda que todos fomos santificados pelo Espírito e nos tornamos povo de Deus e tal qual foi a missão do primeiro Israel também deve ser a nossa: anunciar as maravilhas de Deus:

(...) cada um dos batizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito ativo de evangelização, e seria inapropriado pensar num esquema de evangelização realizado por agentes qualificados enquanto o resto do povo fiel seria apenas receptor das suas ações.<sup>19</sup>

<sup>15</sup> Segundo Ravasi, “Il poeta ha in mente la descrizione della consacrazione di Aronne presente in Lv 8 e il suo pittoresco ed essenziale quadro potrebbe essere commentato con la solenne e coloratissima raffigurazione del sommo sacerdote Simone II (220-195 a.C. circa) tratteggiata da Sir 50. La fraternità è come una forza sacra che pervade tutto l’essere di Israele, la sua realtà profonda, fisica e spirituale (barba), la sua dignità (veste) facendone così un popolo sacerdotale (Es 19,6).” RAVASI, G., I Salmi, p. 697.

<sup>16</sup> Segundo Kraus, a imagem evocada pelo Salmo pode indicar tanto a família quanto os cidadãos reunidos e, de modo particular, os fiéis que se congregam para o culto. KRAUS, J.-H., Salmos, p. 715. Note-se a transposição em consonância com o que vem exposto neste artigo em SCHÖKEL, L. A.; CARNITI, C., Salmos II, p. 1536-1537.

<sup>17</sup> RATZINGER, J., Compreender a Igreja hoje, p. 14.

<sup>18</sup> EG 113.

<sup>19</sup> EG 120.

O tema da Igreja como “povo de Deus” e, portanto, “mistério de comunhão”, reaparecerá em 2022, na Constituição Apostólica *Praedicate Evangelium* (2022), como fundamento da sinodalidade:

Esta vida de comunhão dá à Igreja o rosto da sinodalidade, isto é, uma Igreja da escuta recíproca, onde cada um tem algo a aprender. Povo fiel, Colégio Episcopal, Bispo de Roma: cada um à escuta dos outros; e todos à escuta do Espírito Santo, o ‘Espírito da verdade’ (Jo 14,17), para conhecer aquilo que Ele “diz às Igrejas” (Ap 2,7).<sup>20</sup>

## 2.2. Igreja “Corpo de Cristo/Templo do Espírito”

Uma segunda imagem bíblica importante com a qual Francisco identifica a Igreja é aquela do Corpo de Cristo. Em sua Encíclica *Lumen Fidei*, Francisco aplica essa imagem à Igreja a partir do texto de Rm 12,4-5:

O crente aprende a ver-se a si mesmo a partir da fé professada. A figura de Cristo é o espelho em que descobre realizada a sua própria imagem. E dado que Cristo abraça em Si mesmo todos os crentes que formam o seu corpo, o cristão compreende-se a si mesmo neste corpo, em relação primordial com Cristo e os irmãos na fé. A imagem do corpo não presente reduzir o crente a simples parte de um todo anônimo, a mero elemento de uma grande engrenagem; antes, sublinha a união vital de Cristo com os crentes e de todos os crentes entre si (Rm 12,4-5).

Soam muito vivas as últimas palavras do texto citado, ou seja, a imagem do corpo não quer “reduzir o crente a uma mera parte” ou a “mero elemento de uma engrenagem”, mas quer mostrar sua comunhão com o conjunto, sua união vital com Cristo e os demais crentes. Paulo deixa isso muito claro no texto aludido por Francisco: *Pois assim como num só corpo temos muitos membros, e os membros não têm todos a mesma função, de modo análogo, nós somos muitos e formamos um só corpo em Cristo, sendo membros uns dos outros* (Rm 12,4-5). Note-se o uso das expressões “num só corpo” (ἐν ἐνὶ σώματι) no v. 4 e “um só corpo” (ἐν σῶμά) no v. 5. Além disso, a expressão “em Cristo” (ἐν Χριστῷ) que está no centro do v. 5, conclusão da analogia.

Tal imagem da Igreja como Corpo Místico de Cristo aparecerá também na Exortação Apostólica *Querida Amazônia* (2020). Ao tratar da inculturação do ministério sacerdotal, Francisco apresenta a Igreja como Corpo de Cristo. Aqui, embora não haja uma citação bíblica, o pano de fundo parece ser o da carta aos Efésios, pois fala-se do Cristo como “Cabeça da Igreja” (Ef 1,22; 4,15; 5,23):

Alguns pensam que aquilo que distingue o sacerdote seja o poder, o fato de ser a máxima autoridade da comunidade; mas São João Paulo II explicou que, embora o sacerdócio seja considerado “hierárquico”, esta função não equivale a estar acima dos outros, mas “ordena-se integralmente à santidade dos membros do corpo místico de Cristo”. Quando se afirma que o sacerdote é sinal de “Cristo cabeça”, o significado principal é que Cristo constitui a fonte da graça: Ele é cabeça da Igreja “porque tem o poder de comunicar a graça a todos os membros da Igreja.”<sup>21</sup>

Assim como Cristo é a cabeça da Igreja, ou seja, aquele que santifica o Corpo, do mesmo modo o sacerdote que se identifica com Cristo Cabeça é chamado a compreender-se não como uma estância superior, mas como parte do corpo e justamente como a parte que deve consagrar-se integralmente ao serviço de santificação de todos os demais membros desse Corpo.

Em um documento mais recente, a Carta Apostólica *Desiderio Desideravi* de 2022, Francisco recorda o ensinamento de Agostinho no seu Comentário aos Salmos, onde o grande bispo de Hipona une a narrativa da paixão à da criação da mulher no livro do Gênesis, percebendo seus paralelos. De um lado, a Igreja nasce do lado de Cristo “adormecido” na sua Paixão, assim como Eva foi tirada do lado de Adão que dormia. Do mesmo, também, que Adão pôde exclaimar com relação à Eva que ela era “osso dos seus ossos e carne da sua carne”, também Cristo pode se admirar e dizer o mesmo de sua Igreja – “osso dos meus ossos e carne da minha carne”:

<sup>20</sup> PE 4.

<sup>21</sup> QA 87.

O paralelismo entre o primeiro e o novo Adão é surpreendente: tal como Deus tirou Eva do lado do primeiro Adão, depois de ter feito cair sobre ele um sono profundo, assim do lado do novo Adão, adormecido no sono da morte, nasce a nova Eva, a Igreja. O espanto para nós reside nas palavras que podemos pensar que o novo Adão faça suas, olhando para a Igreja: “Desta vez é osso dos meus ossos e carne da minha carne” (Gn 2,23). Por ter acreditado na Palavra e termos descido à água do Batismo, nós tornamo-nos osso dos seus ossos, carne da sua carne.<sup>22</sup>

A Igreja é, pois, uma só realidade com o Cristo. Citando ainda Agostinho, é possível recordar-se da sua afirmação: “O Cristo total, portanto, Cabeça e corpo, é como um homem inteiro.”<sup>23</sup> Tal imagem já referenciada mais acima, quando o povo se reuniu “como um só homem” (Ne 8,1) para ouvir a Palavra na Jerusalém restaurada. De modo ainda mais sublime, porque agora Cristo assumiu a carne humana, tal união se deu de fato. Ao reunir-se para a liturgia, a Igreja celebra como Corpo de Cristo, como “Cristo total”, “como um homem inteiro”, estreitamente unida à sua Cabeça, que é Cristo:

Penso na normalidade das nossas assembleias que se reúnem para celebrar a Eucaristia no dia do Senhor, domingo após domingo, Páscoa após Páscoa, em momentos particulares da vida das pessoas e das comunidades, nas diferentes etapas da vida: os ministros ordenados desempenham uma ação pastoral de primária importância quando tomam pela mão os fiéis batizados para os guiar dentro da repetida experiência da Páscoa. Recordemo-nos sempre de que é a Igreja, Corpo de Cristo, o sujeito celebrante, não só o sacerdote.<sup>24</sup>

As últimas palavras da citação acima fazem pensar no quanto ainda se precisa caminhar na compreensão da Igreja como Corpo de Cristo: “Recordemo-nos sempre de que é a Igreja, Corpo de Cristo, o sujeito celebrante, não só o sacerdote”. Se a assembleia que celebra não se compreende como Corpo de Cristo, como esperar que aconteça um movimento de sinodalidade? Se quem preside a assembleia pensa ser ele o centro da própria celebração, sem recordar-se que constitui com seus irmãos um único Corpo, em nome de cuja Cabeça ele age, como esperar que tal movimento de sinodalidade atinja a base da Igreja que são as comunidades paroquiais?

Se a Igreja é Corpo de Cristo, é também Templo do Espírito, pois as duas coisas estão intrinsecamente implicadas. Na sua homilia de Pentecostes, em 23 de maio de 2021, Francisco afirmou: “A Igreja não é uma organização humana – é humana, mas não é apenas uma organização humana -, a Igreja é o templo do Espírito Santo”. Os membros deste Corpo só podem manter-se unidos na força do Espírito, como ensina o Apóstolo das Gentes: “Pois fomos todos batizados num só Espírito para ser um só corpo, judeus e gregos, escravos e livres, e todos bebemos de um só Espírito” (1Cor 12,13).

### 2.3. Igreja “Casa aberta do Pai”

Francisco afirma que a “Igreja é chamada a ser sempre a casa aberta do Pai.”<sup>25</sup> Não aparece uma citação bíblica específica nesse parágrafo da EG, mas nota-se que é uma imagem profundamente bíblica. A primeira experiência que Israel tem com a “casa” do Pai vincula-se ao Templo. Quando o Templo é estabelecido em Jerusalém, os judeus reconhecem nele o lugar em que Deus habita. Obviamente Deus não estava confinado ao Templo, por isso desenvolve-se a “Teologia do Nome” divino, tal como a encontramos em Dt 12, a qual afirma que, no Templo, Deus fez habitar o “seu Nome”, sinal da sua presença. De outro lado, particularmente nos círculos sacerdotais, surge a perspectiva teológica da “Glória do Senhor”, também sinal da sua presença, que enche o Templo tal como a nuvem enchia a Tenda da Reunião no caminhar do povo no deserto. Vários são os salmos que expressam a alegria do israelita ao saber que está se encaminhando para o Templo: *Alegrei-me quando me disseram: “Vamos*

<sup>22</sup> DD 14.

<sup>23</sup> AGOSTINHO, Comentário aos Salmos, p. 861.

<sup>24</sup> DD 36.

<sup>25</sup> EG 47.

à casa de YHWH!” (Sl 122,1)<sup>26</sup>; vale mais um dia na “Casa do Senhor”, do que milhares fora dela (Sl 84,11). Se é “Casa do Senhor” é lugar de refúgio, onde o orante sente-se em segurança (Sl 63,8).

A imagem da “Casa aberta do Pai” evoca, ainda, a parábola do Filho Pródigo (Lc 15,11-32). O Pai respeita a liberdade dos seus filhos e dá a cada um o direito de ir-se embora se assim o quiser. A casa, contudo, permanece sempre aberta. O Pai do céu é como o pai da parábola, que avista o filho arrependido que retorna e que o vê quando ainda está longe (Lc 15,20). A casa fica em festa quando o filho mais novo retorna, e o pai insiste para que o filho mais velho, símbolo na parábola dos fariseus e dos escribas que condenam a atitude de Jesus com relação aos pecadores, para que também entre na casa. Assim deve ser a Igreja no parecer de Francisco: uma casa paterna de portas sempre abertas. Se a Igreja é “Casa Paterna” de portas abertas, Francisco vai insistir que ela não pode se tornar uma espécie de alfândega, onde um determinado grupo pretende ter o controle sobre a graça: “Muitas vezes agimos como controladores da graça e não como facilitadores. Mas a Igreja não é uma alfândega; é a casa paterna, onde há lugar para todos com a sua vida fadigosa.”<sup>27</sup>

Na Encíclica *Fratelli Tutti* tal imagem vai ser retomada e, de certo modo, ampliada. Ao afirmar que a Igreja não “relega a sua própria missão para a esfera do privado” e que a Igreja “tem um papel público que não se esgota nas suas atividades de assistência e educação,” Francisco insiste na imagem da casa com as portas abertas:

(...) uma família entre as famílias – a Igreja é isto –, disponível (...) para testemunhar ao mundo de hoje a fé, a esperança e o amor ao Senhor, mas também àqueles que Ele ama com predileção. Uma casa com as portas abertas... A Igreja é uma casa com as portas abertas, porque é mãe.<sup>28</sup>

O texto acima é citação de parte do discurso de Francisco na sua Viagem Apostólica à Bulgária e à Macedônia do Norte, proferido na Igreja de São Miguel Arcanjo em Rakovsky, em 06 de maio de 2019, no encontro com a Comunidade Católica. Nesse discurso, Francisco relata uma coisa que lhe escrevera um grande sacerdote e que muito lhe havia impressionado:

A Igreja é uma casa com as portas abertas, porque é mãe. Muito me impressionou uma coisa que escrevera um grande sacerdote. Era um poeta e amava muito Nossa Senhora. Era também um padre pecador, e sabia que o era; mas ia ter com Nossa Senhora e chorava diante d’Ela. Uma vez ele escreveu uma poesia, pedindo perdão a Nossa Senhora e prometendo que nunca se afastaria da Igreja. Escrevia assim: “Esta noite, Senhora, a promessa é sincera. Mas, para qualquer eventualidade, não te esqueças de deixar a chave do lado de fora”. Maria e a Igreja nunca fecham por dentro! Sempre, se fecham a porta, a chave está do lado de fora: tu podes abrir. E esta é nossa esperança. A esperança da reconciliação. “Padre, diz que a Igreja e Nossa Senhora são uma casa com as portas abertas, mas se soubesse, padre, as coisas ruins que fiz na vida! Para mim, as portas da Igreja, inclusive as portas do coração de Nossa Senhora, estão fechadas”. “Tens razão! Estão fechadas. Mas aproxima-te, observa bem e encontrarás a chave do lado de fora. Faz assim: abre e entra! Não precisas de tocar à campainha. Abre com a chave que está lá”. E isto vale para toda a vida!<sup>29</sup>

Uma casa de portas abertas e “nunca fechada do lado de dentro”. Mesmo que a porta pareça fechada, a chave está do lado de fora. Cabe a cada um estender a mão e abrir a porta. E, por outro lado, não cabe a ninguém querer fechar a porta que foi propositadamente deixada aberta pelo Cristo. Ele está à porta e bate (Ap 3,20), e espera que nós abramos a porta para que Ele entre. Contudo, Ele, o Cristo, nos dá antes seu exemplo, deixando Ele mesmo abertas e nunca trancadas por dentro as portas da Igreja, para que nós sempre tenhamos a chance de entrar, até mesmo sem “tocar à campainha”, como afirma Francisco.

<sup>26</sup> Segue-se, no presente artigo, a numeração hebraica do saltério.

<sup>27</sup> EG 47.

<sup>28</sup> FT 276.

<sup>29</sup> Francisco, PP., Discurso no Encontro com a Comunidade Católica: Viagem Apostólica à Bulgária.

### 3. Personagens bíblicos que são modelos para a Igreja

Francisco recorre não somente a imagens para falar da Igreja, mas também alude a personagens bíblicos individuais. Pela sua vocação e exemplo, tornaram-se modelos daquilo o que deve ser a Igreja. Neles, cada um dos fiéis pode espelhar-se, a fim de se tornar um membro sempre vivo do Corpo de Cristo.

#### 3.1. Abraão, Moisés e Jeremias como modelos de uma Igreja em saída

Na *Evangelii Gaudium*, Francisco elenca três grandes figuras que são modelos para a Igreja em saída: Abraão, Moisés e Jeremias:

Na Palavra de Deus, aparece constantemente este dinamismo de “saída”, que Deus quer provocar nos crentes. Abraão aceitou a chamada para partir rumo a uma nova terra (Gn 12,1-3). Moisés ouviu a chamada de Deus: “Vai, pois, e eu te enviarei” (Ex 3,10), e fez sair o povo para a terra prometida (Ex 3,17). A Jeremias disse: “a quem Eu te enviar, irás” (Jr 1,7). Naquele “ide” de Jesus, estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje todos somos chamados a esta nova “saída” missionária. Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho.<sup>30</sup>

Trata-se, sem dúvida, de três personagens muito emblemáticos no contexto do Antigo Testamento. Abraão, o primeiro chamado, assume na fé a ordem divina (Gn 12,1) para deixar sua “terra” (אֶרֶץ), sua “parentela” (מִלִּקְחָת) e a “casa paterna” (בֵּית אָבִי). Mais tarde, em Gn 22,2, um outro imperativo divino será assumido na fé pelo grande patriarca. Ele deverá tomar “seu filho” (בְּנֵךְ), “seu único, o amado” (יְהוּדָה אֶשְׁרָיִךְ), “Isaac” (יִצְחָק) a fim de oferecê-lo a Deus. Como destaca Hamilton,<sup>31</sup> há notáveis paralelos entres os dois relatos. Os dois começam com imperativos divinos; os dois trazem três elementos depois do imperativo, sempre indo do mais abrangente para o mais particular (em Gn 12,1 o trinômio: terra; parentela; casa paterna; em Gn 22,2: filho; único, o amado; Isaac); nos dois relatos o ponto final não está claro, pois em Gn 12,1 Abraão deve dirigir-se à terra que o Senhor lhe irá mostrar, assim como em Gn 22,2 Abraão deve dirigir-se a uma montanha que, no caminho, lhe será indicada pelo Senhor. A respeito de Gn 12,1, afirma o Midrash *Bereshit Rabbah* 39: “Por que Ele (Deus) não lhe revelou logo seu destino? Era para torná-lo mais agradável para ele e para lhe dar uma recompensa por cada passo.” Logo em seguida, o mesmo texto diz a respeito de Gn 22,2, onde o nome de Isaac só é dito no final: “Por que Ele não revelou isso a ele [imediatamente]? Era para torná-lo mais agradável para ele e para lhe dar uma recompensa por cada declaração.”<sup>32</sup> Abraão torna-se “mais agradável” a Deus porque segue sua Palavra na perspectiva da fé, sem ver ainda tudo com clareza, mas confiando plenamente na bondade daquele que o chama, dando um passo por vez e “sendo recompensado a cada passo”. O mesmo ocorre com a Igreja em saída. Ela parte em missão confiando unicamente na bondade do Senhor, e sabendo que Ele jamais a abandonará, mas a conduzirá sempre a um porto seguro, recompensando-a também por “cada passo” dado na fé.

Moisés e Jeremias são duas figuras que se apresentam, ao menos num primeiro momento, como inseguras diante do chamado divino. Quando é enviado por Deus, Moisés responde: “Quem sou eu para ir ao faraó e fazer sair do Egito os Filhos de Israel?” (Ex 3,11). “Quem sou eu?” é a mesma expressão que se encontra nos lábios de Saul (1Sm 18,18) e, depois, na boca de Davi (2Sm 7,18) diante da missão de realeza que recebem. Considera-se que tal expressão possa indicar a impotência, a resignação e a submissão humilde daquele que a profere.<sup>33</sup> Moisés reconhece sua impotência para levar a termo a missão que Deus lhe confia, contudo, as palavras seguintes são confortadoras e despertam sua fé, pois Deus lhe assevera que não estará sozinho: “Eu

<sup>30</sup> EG 20.

<sup>31</sup> HAMILTON, V. P., *The Book of Genesis*, p. 370-371.

<sup>32</sup> *Bereshit Rabbah*, 39.

<sup>33</sup> GÜNTHER, K., *אֵל*, p. 330.

estarei contigo.” (Ex 3,12). Jeremias, por sua vez, lamenta-se diante do chamado divino (יְהוָה),<sup>34</sup> porque não sabe falar, é ainda uma criança/jovem (Jr 1,6). A resposta de Deus é o envio do profeta, acompanhado da repreensão ao que acabara de dizer. Jeremias não deve colocar sua fraqueza como objeção à sua participação na realização do projeto divino. Afinal, assim como esteve com Moisés, Ele também estará com Jeremias: “Não temas diante deles, porque eu estou contigo para te salvar” (Jr 1,8). Assim como Moisés e Jeremias temeram diante do “novo”, do desafio que Deus lhes propunha, também os discípulos missionários carregam dentro de si certo temor. Como bem destaca Francisco, existem “desafios sempre novos”<sup>35</sup> na missão evangelizadora. Porém, deve subsistir em cada fiel a certeza de que não está sozinho, pois o mesmo que disse a Moisés e a Jeremias o Senhor diz a cada um: “Eu estarei contigo!”

### 3.2. Uma Igreja “samaritana”

Em 2020, a CNBB propôs o tema “Fraternidade e vida: dom e compromisso”, para a Campanha da Fraternidade. O lema foi Lc 10,33-34: “Vi, senti, compaixão e cuidou dele”. O Papa Francisco, em 26/02/2020 dirigiu uma mensagem à Igreja do Brasil, justamente por ocasião da Campanha da Fraternidade, e convidou a Igreja do Brasil a se inspirar no exemplo do bom samaritano, a fim de superar o que ele chamou de “globalização da indiferença”:

Por isso, estejamos certos de que a superação da globalização da indiferença só será possível se nos dispusermos a imitar o Bom Samaritano (Lc 10,25-37). Esta Parábola, que tanto nos inspira a viver melhor o tempo quaresmal, nos indica três atitudes fundamentais: ver, sentir compaixão e cuidar. À semelhança de Deus, que ouve o pedido de socorro dos que sofrem (Sl 34,7), devemos abrir nossos corações e nossas mentes para deixar ressoar em nós o clamor dos irmãos e irmãs necessitados de serem nutridos, vestidos, alojados, visitados (Mt 25,34-40).

Alguns meses depois, a Igreja foi presenteada com sua Encíclica *Fratelli Tutti*, sobre a fraternidade e a amizade social. Todo o segundo capítulo é desenvolvido a partir da parábola do bom samaritano. Diante da pergunta do legista, que deseja saber quem é o seu próximo, Jesus conta uma parábola. A conclusão, como afirma o Papa Francisco, é que não cabe a pergunta sobre quem é ou não “o próximo.” Cabe a cada um fazer-se próximo de quem necessita, a exemplo do que fez o samaritano:

A proposta é fazer-se presente a quem precisa de ajuda, independentemente de fazer parte ou não do próprio círculo de pertença. Neste caso, o samaritano foi quem *se fez próximo* do judeu ferido. Para se tornar próximo e presente, ultrapassou todas as barreiras culturais e históricas. A conclusão de Jesus é um pedido: “Vai e faz tu também o mesmo” (Lc 10,37). Por outras palavras, desafia-nos a deixar de lado toda a diferença e, em presença do sofrimento, fazer-nos vizinhos a quem quer que seja. Assim, já não digo que tenho “próximos” a quem devo ajudar, mas que me sinto chamado a tornar-me eu um próximo dos outros.<sup>36</sup>

Na mensagem dirigida aos fiéis brasileiros por ocasião da Campanha da Fraternidade 2020, o Papa Francisco comparou o agir do samaritano com o agir de Deus, citando o Sl 34,7: “Este pobre clamou e o Senhor o ouviu, e de todas as tribulações o libertou”. É possível, ainda, perceber uma relação entre a atitude do samaritano e aquela do próprio Deus à luz de Ex 3,7-8. Lc 10,33-34 destaca três ações do samaritano: “viu”; “sentiu compaixão”; “atou suas feridas”. O texto menciona um animal de montaria, sobre o qual provavelmente estava o samaritano. Isso significa um “ver”, seguido de um “sentir compaixão” e de uma “descida” para “atar as feridas” e prestar assistência ao homem necessitado. Também em Ex 3,7b-8a três ações divinas são postas em destaque: “Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu clamor por causa dos seus

<sup>34</sup> JENNI, E., יְהוָה, p. 132-133: *Con la fórmula 'ahāh 'adōnāy Yhwh, "ah, Señor Yahvé", se introducen en Jos 7,7; Jue 6,22; Jr 1,6; 4,10; 14,13; 32,17; Ez 4,14; 9,8; 11,13; 21,5, oraciones de lamentación o petición, acompañadas con frecuencia de un estado emocional intenso que se rebela contra la voluntad de Dios, real o supuesta.*

<sup>35</sup> EG 20.

<sup>36</sup> FT 81.

opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios (...).” Deus “vê” o sofrimento do seu povo; “ouve seu clamor”, porque “conhece suas angústias”, o que desperta sua compaixão; então Ele desce para libertar, para curar as feridas daquele povo que, sob o peso da escravidão, também jazia quase morto do mesmo modo que o judeu da parábola que cai nas mãos dos assaltantes.

Esse é o modelo de Igreja em saída, profundamente inspirado nas Escrituras Sagradas, que Francisco propõe aos fiéis. À semelhança do bom samaritano que, por sua vez, é um espelho da própria ação divina, a Igreja deve sair em missão, disposta a “ver”, a “sentir compaixão” das misérias humanas e a não passar ao largo delas como fizeram o levita e o sacerdote da parábola. Deve estar disposta a “descer” até o mais profundo das dores dos homens e das mulheres do nosso tempo, para também derramar sobre suas feridas o bálsamo do Evangelho, cujo coração é o anúncio do amor de Deus que abraça a todo ser humano.

(...) este encontro misericordioso entre um samaritano e um judeu é uma forte provocação, que desmente toda a manipulação ideológica, desafiando-nos a ampliar o nosso círculo, a dar à nossa capacidade de amar uma dimensão universal capaz de ultrapassar todos os preconceitos, todas as barreiras históricas ou culturais, todos os interesses mesquinhos.<sup>37</sup>

### 3.3. O rosto “materno” da Igreja

Em muitos momentos Francisco fala da Igreja como mãe, nem sempre evocando uma figura específica. Assim acontece, por exemplo, na *Evangelii Gaudium*, quando ele fala a respeito da solicitude da Igreja para com os batizados que não vivem segundo as exigências de seu batismo:

(...) lembramos o âmbito das pessoas batizadas que, porém, não vivem as exigências do Batismo, não sentem uma pertença cordial à Igreja e já não experimentam a consolação da fé. Mãe sempre solícita, a Igreja esforça-se para que elas vivam uma conversão que lhes restitua a alegria da fé e o desejo de se comprometerem com o Evangelho.<sup>38</sup>

Ainda na Bula *Misericordiae Vultus* (2015), Francisco retoma o discurso de João XXIII na abertura do Concílio Vaticano II, o qual parte da imagem bíblica da Igreja como esposa de Cristo (Ap 21,9), que quer manifestar-se, também, como uma “mãe misericordiosa.”

Voltam à mente aquelas palavras, cheias de significado, que São João XXIII pronunciou na abertura do Concílio para indicar a senda a seguir: “Nos nossos dias, a Esposa de Cristo prefere usar mais o remédio da misericórdia que o da severidade. (...) A Igreja Católica, levantando por meio deste Concílio Ecumênico o facho da verdade religiosa, deseja mostrar-se mãe amorosa de todos, benigna, paciente, cheia de misericórdia e bondade com os filhos dela separados.”

Duas figuras individuais são, contudo, evocadas pelo Papa Francisco ao falar do rosto materno da Igreja. Uma delas é a mãe dos irmãos Macabeus. Ao falar sobre a homilia, Francisco faz uma leitura diríamos “alegórica”<sup>39</sup> do relato de 2Mac 7,21.27, comparando a atitude daquela mãe que fala aos filhos na “língua pátria” (*patria voce* / τῆ πατρίῳ φωνῆ) com a atitude da Igreja, que também se dirige a seus filhos como mãe que exorta e consola. A homilia seria o âmbito privilegiado dessa “conversa maternal” da Igreja para com seus filhos:

<sup>37</sup> FT 83.

<sup>38</sup> EG 14.

<sup>39</sup> Sobre o uso e a importância da alegoria na interpretação bíblica dos primeiros autores cristãos: JEANROND, W. G., *History of Biblical Hermeneutics*, p. 435-436. Fala-se de uma leitura “alegórica” porque Francisco interpreta de modo simbólico a passagem, prendendo-se não seu sentido literal, mas fazendo uso dela para ilustrar um comportamento desejado para a Igreja. Note-se que ele não usa a expressão “língua paterna” que é a que aparece no texto bíblico, mas a mais usual na época contemporânea, *língua materna*.

(...) Lembra-nos que a Igreja é mãe e prega ao povo como uma mãe fala ao seu filho, sabendo que o filho tem confiança de que tudo o que se lhe ensina é para seu bem, porque se sente amado. (...) Assim como todos gostamos que nos falem na nossa língua materna, assim também, na fé, gostamos que nos falem em termos da “cultura materna”, em termos do idioma materno (2Mac 7,21.27), e o coração dispõe-se a ouvir melhor. Esta linguagem é uma tonalidade que transmite coragem, inspiração, força, impulso.<sup>40</sup>

Não poderia haver, é óbvio, figura mais eloquente para indicar o rosto materno da Igreja do que Maria. Em seus documentos, Francisco sempre menciona a “Virgem feita Igreja” (São Francisco). Inscreveu a memória de Maria, Mãe da Igreja, no Calendário Romano Geral em 11 de fevereiro de 2018, determinando que tal memória fosse celebrada, muito significativamente, na segunda-feira após o Domingo de Pentecostes. Tudo isso demonstra não somente seu amor à Mãe de Deus, mas também sua viva consciência de que ela é modelo para a Igreja. Tal fica patente em dois textos para os quais se quer chamar atenção. O primeiro é mais uma vez a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, na qual Francisco apresenta Maria como um “ícone feminino” para a Igreja. Cada fiel está intimamente ligado a ela, na medida em que também, embora de maneira diversa, é chamado a gerar o Cristo:

(...) Naquele momento crucial, antes de declarar consumada a obra que o Pai Lhe havia confiado, Jesus disse a Maria: “Mulher, eis o teu filho!” E, logo a seguir, disse ao amigo bem-amado: “Eis a tua mãe!” (Jo 19,26-27). Estas palavras de Jesus, no limiar da morte, não exprimem primariamente uma terna preocupação por sua Mãe; mas são, antes, uma fórmula de revelação que manifesta o mistério duma missão salvífica especial. Jesus deixava-nos a sua Mãe como nossa Mãe. (...) Não é do agrado do Senhor que falte à sua Igreja o ícone feminino. (...) Esta ligação íntima entre Maria, a Igreja e cada fiel, enquanto de maneira diversa geram Cristo, foi maravilhosamente expressa pelo Beato Isaac da Estrela: “Nas Escrituras divinamente inspiradas, o que se atribui em geral à Igreja, Virgem e Mãe, aplica-se em especial à Virgem Maria (...). Além disso, cada alma fiel é igualmente, a seu modo, esposa do Verbo de Deus, mãe de Cristo, filha e irmã, virgem e mãe fecunda. (...) No tabernáculo do ventre de Maria, Cristo habitou durante nove meses; no tabernáculo da fé da Igreja, permanecerá até ao fim do mundo; no conhecimento e amor da alma fiel habitará pelos séculos dos séculos.”<sup>41</sup>

Em seguida, no n. 288 do mesmo documento, fala do “estilo mariano na atividade evangelizadora da Igreja” que, olhando para Maria, volta a crer “na força revolucionária da ternura e do afeto”:

Há um estilo mariano na atividade evangelizadora da Igreja. Porque sempre que olhamos para Maria, voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e do afeto. N’Ela, vemos que a humildade e a ternura não são virtudes dos fracos, mas dos fortes, que não precisam de maltratar os outros para se sentir importantes. (...) Esta dinâmica de justiça e ternura, de contemplação e de caminho para os outros faz d’Ela um modelo eclesial para a evangelização.

Maria é “modelo eclesial para a evangelização.” A força dessas palavras leva cada fiel a perceber em Maria um modelo a imitar. Uma devoção mariana verdadeira deveria partir sempre não somente do desejo de pedir sua intercessão, mas sobretudo do espelhar-se em suas atitudes. A Igreja em saída encontra em Maria “justa e terna,” que “contempla,” mas que também “caminha para os outros,” um modelo perfeito no qual se espelhar.

## Conclusão

O presente artigo demonstrou o quanto aquilo o que Francisco propõe à Igreja, seja nos seus grandes documentos, seja nas suas mensagens, homilias e alocuções, tem como partida a Sagrada Escritura. O Concílio Vaticano II, fazendo eco ao Magistério anterior, a reafirmou como “alma da Teologia” (DV 24), e o Papa Francisco, por sua vez, a coloca como base e alma de toda ação da Igreja, partindo da sua escuta atenta e da compreensão da sua capacidade de sempre iluminar novas e desafiadoras situações, chegando, por fim, à reflexão teológica, cada vez mais madura e atenta aos sinais dos tempos. O dado bíblico aparece no fazer teológico de

<sup>40</sup> EG 139.

<sup>41</sup> EG 285.

Francisco tanto como argumento, quanto como fundamento escriturístico de suas afirmações.<sup>42</sup> Sua eclesiologia, como não podia ser diferente, é construída a partir da reflexão bíblica e as imagens por ele utilizadas para falar da Igreja estão em estreita consonância com sua concepção de uma Igreja em diálogo e sinodal. Seus textos são como uma grande *Lectio Divina*, onde os fiéis, a exemplo de Maria, irmã de Lázaro, sentam-se e escutam, atentos à “voz do pastor” que não é outra coisa senão um eco da “voz do próprio Cristo”, justamente porque sua reflexão não é partir de esquemas humanos ou ideologias, mas se constrói sobre a rocha que é a Palavra de Deus.

Das três imagens apresentadas no item 2, a mais tocante seja, talvez, a da Casa Paterna de portas abertas. Em tempos de tanta rigidez por parte de alguns setores que se recusam a perceber os sinais dos tempos, Francisco chama a atenção para o fato de que o fundamental é ser uma Igreja “de portas abertas”. Como ele mesmo destacou em sua viagem apostólica à Bulgária, a Igreja é uma casa de “portas abertas” porque é mãe, e uma mãe lembra-se de deixar a chave do lado de fora, porque tudo o que ela deseja é que o filho retorne e entre em segurança. Assim, a última imagem bíblica da Igreja apresentada neste artigo se conecta com a última figura apresentada no item 3: a face materna da Igreja. Tal face materna é evocada sobre diversos prismas, valendo-se de imagens um tanto inauditas, como a imagem da mãe dos irmãos Macabeus. Contudo, a mais eloquente é, sem dúvida, Maria, a “Virgem feita Igreja” como dizia São Francisco, de quem o Papa tomou o nome e o estilo. No pensamento de Francisco, a Igreja deve seguir sobretudo o “estilo mariano,” acreditando na força sempre revolucionária da ternura e do afeto.

### Referências bibliográficas

AGOSTINHO. **Comentário aos Salmos**. São Paulo: Paulus, 1998. v. 3. Bereshit Rabbah. Disponível em: <[https://www.sefaria.org/Bereshit\\_Rabbah.39.9?lang=bi&with=all&lang2=en](https://www.sefaria.org/Bereshit_Rabbah.39.9?lang=bi&with=all&lang2=en)>. Acesso em: 10 out. 2023.

**BÍBLIA de Jerusalém**. Nova ed. rev. e ampl. impr. São Paulo: Paulus, 2003.

**COMPÊNDIO DO VATICANO II**. Petrópolis: Vozes, 1997.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática *Dei Verbum***: Sobre a Revelação Divina. Disponível em: <[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651118\\_dei-verbum\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html)>. Acesso em: 10 out. 2023.

FISICHELLA, R.; GUIDO, P. Método. In: LATOURELLE, R.; FISICHELLA, R. Dicionário de Teologia Fundamental. Petrópolis, Vozes: 1994, p. 607-624.

FRANCISCO, PP. **Carta Apostólica *Desiderio Desideravi***: sobre a formação litúrgica do povo de Deus. São Paulo: Paulus, 2022.

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica *Fratelli Tutti***: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulinas, 2020.

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica *Laudato Si***: sobre o cuidado da casa comum. Brasília: Edições CNBB, 2015.

FRANCISCO, PP. **Constituição Apostólica *Praedicate Evangelium***: sobre a Cúria Romana e ser serviço à Igreja no Mundo. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_constitutions/documents/20220319-costituzione-ap-praedicate-evangelium.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_constitutions/documents/20220319-costituzione-ap-praedicate-evangelium.html)>. Acesso em: 10 out. 2023.

FRANCISCO, PP. **Discurso no Encontro com a Comunidade Católica**: Viagem Apostólica à Bulgária. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/may/documents/papa-francesco\\_20190506\\_bulgaria-cattolici.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/may/documents/papa-francesco_20190506_bulgaria-cattolici.html)>. Acesso em: 10 out. 2023.

<sup>42</sup> FISICHELLA, R.; GUIDO, P., Método, p. 611.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***: sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html)>. Acesso em: 10 out. 2023.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica Pós-sinodal *Querida Amazônia***. São Paulo: Paulinas, 2020.

FRANCISCO, PP. ***Misericordiae Vultus***: Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_letters/documents/papa-francesco\\_bolla\\_20150411\\_misericordiae-vultus.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html)>. Acesso em: 10 out. 2023.

FRANCISCO, PP. ***Veritatis Gaudium***: Constituição Apostólica sobre las Universidades y Facultades eclesiásticas. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2018.

GONZAGA, W. Cuidar da casa comum, que sofre, geme e chora, à luz da Teologia Bíblica da *Laudato si'* e Rm 8,22. **Ephata**, v. 4, n. 1, p. 99-125. 2022. Disponível em: <<https://revistas.ucp.pt/index.php/ephata/article/view/10885>>. Acesso em: 10 out. 2023.

GÜNTHER, K. עִוָּן. In: JENNI, E.; WESTERMANN, C. (Eds.). **Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento**. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1978. p. 327-333. v. I.

HAMILTON, V. P. **The Book of Genesis: Chapters 1-17**. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1990.

JEANROND, W. G. History of Biblical Hermeneutics. In: FREEDMAN, D. N. (Ed.). **The Anchor Bible Dictionary**. New York: Doubleday, 2009. v. 3. P. 433-443.

JENNI, E. עִוָּן. In: JENNI, E.; WESTERMANN, C. (Eds.). **Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento**. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1978. p. 327-333. v. I. p. 132-133.

KRAUS, H.-J. Salmos: Sal 60-150. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1995.

MADRIGAL TERRAZAS, S. Escritura y Tradición en el Magisterio Kerygmático de Francisco. In: MADRIGAL TERRAZAS, S.; ALONSO VICENTE, P. **Teología com alma bíblica**: Miscelânea homenagem al profesor Dr. José Ramón Busto Saiz. Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 2021, p. 399-414.

RATZINGER, J. **Compreender a Igreja hoje**. Petrópolis: Vozes, 2015.

RAVASI, G. Il libro dei Salmi: commento ed attualizzazione. Bologna: Edizioni Dehoniane, 1986.

SCHÖKEL, L. A; CARNITI, C. Salmos II: 73-150. São Paulo: Paulus, 1998.

SIQUEIRA, F. S. A contemplação do Criador na grandeza e beleza das criaturas. **Pesquisas em Teologia**. v. 2, n. 4, p. 160-179, jul./dez. 2019. Disponível em: <<http://periodicos.puc-rio.br/index.php/pesquisasemteologia/article/view/1107/68>>. Acesso em: 10 out. 2023.

**Fabio da Silveira Siqueira**

Doutor pelo Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Docente no Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro / RJ – Brasil

E-mail: fabio-siqueira@puc-rio.br

Recebido em: 27/11/2023

Aprovado em: 17/04/2024